

Uma tradução do projeto [Traduções Abolicionistas](#)

**Texto original:**

JAMES, J. Airbrushing Revolution for the Sake of Abolition. Black Perspectives, 20 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.aaihs.org/airbrushing-revolution-for-the-sake-of-abolition/>>.

Tradução autorizada por Joy James.

Traduzido por Margarida Nogueira.

Date de publicação: 31 jan. 2022.

## **Apagando a revolução em nome da abolição**

### **Joy James**

Em seu texto de julho de 2020, “[Was Angela Davis a Panther?](#)” [Foi Angela Davis uma Pantera?], a *Black Revolutionary Guard* – BRG [Guarda Revolucionária Negra] pergunta e responde a uma pergunta levantada como pretexto para descartar as críticas duras de uma importante aliada progressista. Eles observam que Davis não foi membra do *Black Panther Party* – BPP [Partido dos Panteras Negras], mas os Panteras a consideravam “uma camarada e uma simpatizante”.

A BRG observa corretamente que Davis não é “uma inimiga do povo”. Nenhum intelectual/estudioso negro progressista procura funcionar como tal. No entanto, existem contradições. O financiamento dos *Koch Brothers* recebido por Van Jones e a redação em segredo de políticas públicas de reformas da polícia para Jared Kushner refletem um dilema como o de Sammy Davis Jr – em que um artista pode realizar ações por causas radicais – a defesa legal de Angela Davis – e causas reacionárias – a reeleição de Richard Nixon – enquanto busca o progresso. Relações duais nas políticas abolicionistas já existem há

séculos como “concessões pragmáticas”. [Críticas complexas](#) das atuais concessões pragmáticas existem, mas são raras.

A BRG erra ao utilizar o livro *A Taste of Power*, de Elaine Brown, para explicar porque é que Davis não se juntou aos Panteras Negras. Davis afirma que o chauvinismo masculinista foi a razão pela qual, enquanto estudante de pós-graduação, ela não se juntou ao Karenga's US; e ao *Black Panther Political Party (BPPP)* [Partido *Político* dos Panteras Negras), um grupo de estudos da SNCC. Ela trabalhou de perto e defendeu os Panteras da Califórnia. Também percorreu universidades estadunidenses na posição de tradutora para Jean Genet para arrecadar fundos para a fiança e honorários legais para os Panteras visados pela Cointelpro. O público pensava nela como uma Pantera, em parte porque [ela aludiu a si mesma](#) como tal.

Ensinando sobre estudos feministas na década de 1990, eu falava muito do livro *A Taste of Power*, de Elaine Brown, como um modelo de liderança feminista negra para a acadêmica Kit Kim Holder, uma Pantera do Harlem treinada por Assata Shakur. Quando fui questionada sobre o que achava de Brown ter tido mulheres negras chicoteadas por desobedecerem a ordens, eu parei de falar muito sobre o livro. Eu *não percebi* detalhes em *A Taste of Power* e os eliminei do meu ensino. *A Taste of Power* identifica Jay Richard Kennedy, um agente do FBI/CIA que espionou o movimento por direitos civis até o assassinato de Martin Luther King Jr., como amante de Brown. No entanto, a análise favorável de Davis no *New York Times* das memórias de Brown retrata Kennedy como apenas um mentor branco mais velho que a apoiou durante um longo caso e a apresentou ao radicalismo negro. A Cointelpro desapareceu.

As preocupações da BRG são parcialmente abordadas em [uma carta dos Panteras](#) de junho de 2020. A BRG critica afirmações (de camaradas?) de que acadêmicos/estudiosos “se voltariam contra” ou “forneceriam informações ao Estado sobre seus ativistas”. Acadêmicos da elite *não* são um quadro revolucionário; eles raramente conhecem pessoalmente revolucionários (exceto [ex]-presos políticos). Ativistas

## Apagando a revolução em nome da abolição

de base trabalham com riscos consideráveis e sem riqueza. As elites oferecem mais reconhecimento de pares aos associados progressistas (ou conservadores) em vez de aos militantes da classe trabalhadora. A economia política da justiça social produz emprego, honrarias, privilégios, salários estelares, gerando riqueza individual ou gestão de portfólio com baixo risco de vigilância e repressão. Acadêmicos progressistas realizaram para Obama o trabalho que Van Jones forneceu a Trump: Produzir um apagamento para transformar demandas revolucionárias de poder e defesa comunitária em “reformas não-reformistas” ou “reformas revolucionárias” (oximoros). Antes do abolicionismo, havia luta revolucionária. Alianças entre os dois existiam: programas de café da manhã grátis dos Panteras – ajuda mútua – criaram um modelo que agora atende as escolas públicas.

### Abolicionismo acadêmico

Elaine Brown tentou me processar em março de 1998 quando organizei uma conferência abolicionista na Universidade do Colorado (UC), em Boulder, a pedido de Angela Davis, como um protótipo da conferência Critical Resistance (CritResist), realizada na UC-Berkeley em setembro daquele ano. “*Unfinished Liberation*” [Libertação Inacabada] – nomeada segundo uma das palestras de Davis na UCLA – foi a maior e mais cara conferência da UC. O coletivo de liderança da UC acompanhou Davis a Boulder. Eu convidei os Panteras Negras e ex-presos políticos: Holder, Safiya Bukhari, Gabriel Torres e o Pantera Lee Lew-Lee, que exibiu o seu documentário [\*All Power to the People!: The Black Panther Party and Beyond\*](#) [Todo poder ao povo!: O Partido dos Panteras Negras e além].

Com uma pequena coalizão de graduandos negros e brancos que se dedicaram com trabalho não remunerado, também eu estava exausta por causa das tarefas e de um financiador exigente (senado universitário) que ordenava reuniões para justificar o orçamento, pela falta de discussão sobre encarceramento e marginalização de ativistas locais (como uma professora doutora, eu não lutei com vigor suficiente

para incluí-los). A rejeição da cadeira de Estudos Étnicos de Elmer “Geronimo” Pratt, que eu propus como uma palestra adicional, foi decepcionante. A sua riqueza de conhecimento sobre encarceramento, após 27 anos de prisão, e as experiências legais com os seus advogados Johnnie Cochrane, Kathleen Cleaver e Stuart Hanlon não eram desejáveis. Enquanto Pantera militante da classe trabalhadora e veterano da Guerra do Vietnã, Pratt não possuía as credenciais acadêmicas e o status de celebridade.

Dias antes da conferência, Davis me avisou em uma ligação tarde da noite que Elaine Brown iria me processar se eu não retirasse o documentário de Lew-Lee da conferência e basicamente o expulsasse do fórum. O filme de quase duas horas, dominado por vozes masculinas, mas também com a presença de Safiya Bukhari, Kathleen Cleaver, Yuri Kochiyama e Sarah McClendon, incluía um breve clipe de um ex-presos político dos Panteras Negras depreciando o relacionamento de Elaine Brown com Jay Richard Kennedy. A ameaça de apagar da conferência “*Unfinished Liberation*” o conhecimento da influência impressionante da CIA nas políticas negras radicais foi rispidamente rejeitada (mas depois aceita para o livro *The Angela Y. Davis Reader* quando concordei em excluir qualquer referência ao trabalho de Gloria Steinem com a CIA, uma vez que ela estava arrecadando fundos para a CritResist). O grupo negro do Partido Comunista dos Estados Unidos a que Davis se juntou, Che-Lumumba Club, recebeu o nome conjunto de Che Guevara e Patrice Lumumba – líderes revolucionários assassinados com a ajuda da CIA. Quando recebi da FedEx a notificação judicial sobre o caso de Elaine Brown, eu os entreguei e os expliquei ao escritório do vice-reitor, enquanto os administradores homens brancos os recebiam com risos.

Umás 2 mil pessoas participaram da conferência *Unfinished Liberation*. O documentário foi bem recebido. No dia final da conferência, Davis criticou publicamente Lee Lew-Lee, sem nomeá-lo. Ela denunciou a “velha prática” de culpar mulheres negras escravizadas por dormir com os senhores de escravos brancos e trair as rebeliões

## Apagando a revolução em nome da abolição

escravas. O discurso de Davis foi instrutivo. Davis inverteu seu artigo para a revista *The Black Scholar*, “*The Role of Black Woman in a Community of Slaves*” [O papel da mulher negra em uma comunidade de escravos], que é dedicado a George Jackson (que ela considerava seu marido) no seguimento de seu *assassinato* (terminologia de Michel Foucault). Com um novo propósito, o artigo não era mais uma análise de como mulheres negras lutaram ao lado de homens negros em família/comunidade pela liberdade. O artigo se tornou um manifesto feminista negro, criticando o relatório Moynihan sobre “matriarcado negro” e destacando a centralidade e indispensabilidade da liderança feminista negra. (Ambos poderiam ser simultaneamente possíveis). Davis afirmaria que o artigo sempre fora sobre feminismo negro, mas ela não percebeu isso quando o escreveu em sua cela de prisão. A insurreição desvaneceu. (Jackson afirmou a partir da prisão que os Estados Unidos eram proto-fascista; a partir da universidade, Davis afirmou que não.) A luta se tornou conflito e não guerra. A defesa de Brown previu o futuro de atos disciplinares contra críticas públicas de lideranças feministas negras.

## Defendida por aliados poderosos

O BRG afirma que a defesa legal de Davis poderia ser replicada com mais unidade na “esquerda”:

Também devemos observar as campanhas de solidariedade globais em nome de Davis – muito pode ser aprendido com isso hoje. Campanhas como essa requerem abrir mão de diferenças ideológicas não antagônicas e a percepção de que brigar é do interesse da classe dominante, especialmente quando uma ativista de alto perfil está sob ataque dessa classe.

O *National United Committee to Free Angela Davis* – NUCFAD [Comitê Nacional Unido para Libertar Angela Davis] foi estabilizado pela burguesia, pela hegemonia liberal branca e pelos partidos comunistas globais durante uma Guerra Fria com “impérios” concorrentes. A URSS professou ser uma alternativa ao império

capitalista dos EUA. O Partido Comunista dos Estados Unidos havia primeiro debatido se deveriam defender Davis (alguns a consideravam uma “aventureira” por permitir que Jonathan Jackson, de 17 anos, tivesse acesso a suas armas – *embora um guarda prisional e um refém da promotoria dentro da van tenham disparado os tiros que mataram e feriram em 7 de agosto, 1970*). O Partido Comunista dos Estados Unidos ajudou a estruturar e financiar a equipe legal de seis membros de Angela Davis. Em conjunto a comunidades negras, estudantes universitários brancos e professores (de direito) lutaram para proteger um dos seus. Gloria Steinem foi convidada para liderar a arrecadação de fundos para a defesa de Davis – três anos depois que a exposição de *Ramparts*, em 1967, forçou Steinem a reconhecer que havia trabalhado com elementos “liberais” da CIA. Steinem, cujos amigos próximos incluíam políticos favoráveis à guerra do governo Nixon, foi eficiente em arrecadar fundos e des-demonizar Davis para brancos não radicais. As campanhas de solidariedade global de Davis também incluíam “convergência de interesses” observados por Derrick Bell como um catalisador para a mudança quando os interesses dos despossuídos e das elites se alinham. O presidente Nixon deixou de declarar publicamente a “culpa” de Davis para oferecer assentos a cientistas soviéticos proeminentes em seu julgamento para que eles pudessem verificar o funcionamento da justiça estadunidense. Davis foi absolvida por um júri completamente branco. Poucos revolucionários negros da classe trabalhadora/presos receberam tais níveis de apoio. A absolvição de 1972 foi uma situação em que todos saíram vencedores. Conservadores se gabaram de que os Estados Unidos não eram um gulag. A esquerda declarou uma rara “vitória do povo”. Nixon foi reeleito.

Davis e Pratt foram a julgamento ao mesmo tempo. O julgamento de Davis foi um espetáculo midiático internacional; a imprensa ignorou largamente Pratt e abandonou as investigações sobre o FBI e a polícia de Los Angeles terem forjado as provas de sua acusação de assassinato. A Cointelpro visava a capacidade *revolucionária*. Um ano antes de Davis e Pratt serem presos, em uma operação policial

## Apagando a revolução em nome da abolição

antes do amanhecer, o FBI/CPD assassinaram Fred Hampton e Mark Clark. Hampton nos presenteou a revolução como a Coalizão Arco-Íris: poder branco para os brancos, poder pardo para os pardos, poder amarelo para os amarelos, poder vermelho para os vermelhos, poder negro para os negros: todo o poder ao povo, nenhum para a polícia, ou políticos (pequeno) burgueses alinhados com o Estado.

A BRG escreve que “como maoísta”, as políticas de Davis “têm sido direitistas por décadas”. As políticas de Davis *não são* direitistas. Elas refletem mandatos de direitos civis/humanos que são bem financiados e cada vez mais populares na rede construída dentro da academia. Essas políticas implicam concessões pragmáticas. Numa entrevista de 2014, Davis afirmou que o presidente Barack Obama era parte da “Black radical tradition” [tradição radical negra] – uma tradição moldada por Martin Luther King, Jr., Fannie Lou Hamer, Malcom X, Ella Baker, Robert Williams, Rosa Parks e Assata Shakur (o Departamento de Justiça do governo Obama colocou Shakur em uma lista internacional de terroristas com a Al Qaeda). A tradição radical se opôs ao capitalismo e ao imperialismo. Para o presidente Obama, “sucesso negro” sob o capitalismo significava “poder negro” (semelhante ao “capitalismo negro igual a poder negro” de Nixon). Numa [entrevista](#) de 1997, Kathleen Cleaver descreveu as relações paternalistas dos negros abastados para com os negros empobrecidos/de classe trabalhadora e a animosidade ideológica contra dissidentes entre sua própria classe. A busca romântica pela “unidade negra”, Cleaver argumenta, exigia ignorar as divisões de classe e a postura pública de uma frente unida negra, apesar dos ganhos desproporcionais do anticomunismo e das elites com as lutas de massa.

### “Guerra” não é uma metáfora

A BRG levanta o imperativo de salvar os presos políticos globais (por exemplo, na Índia e nas Filipinas). O abolicionismo popularizado tende a minimizar a *agência* dos presos políticos estadunidenses – aqueles presos/desaparecidos em rebeliões recentes

que permanecem largamente anônimos e aqueles na história (como apontado na carta dos Panteras). O apagamento remove o papel da Cointelpro, que criou as condições para a repressão política e o encarceramento, e a violência estatal. Preocupações com a alienação de conselhos de polícia/liberdade condicional, financiadores e um público solidário promovem o apagamento como uma tarefa “responsável”, pois os ativistas apontam a urgência de libertar *todas* as pessoas, uma vez que a pandemia funciona como uma sentença de morte na prisão.

Em seu tratado *Da Guerra*, do século XIX, o general Carl von Clausewitz descreve a guerra como “um ato de violência com intenção de compelir o nosso oponente a satisfazer a nossa vontade”. Povos negros/africanos e indígenas foram aterrorizados como escravos, colonizados e *oponentes*. A conquista foi guerra. A escravidão foi guerra. O arrendamento de condenados foi guerra. A meação foi guerra. A Cointelpro foi guerra. A “Guerra às Drogas” criminalizou protestantes antiguerra como “hippies maconheiros” e negros radicais como “drogados” em uma guerra contra-insurrecional. Encarceramento em massa – em que mortes classificadas como “suicídio” ou “naturais” incluem assassinatos cometidos pela polícia e por negligência médica, e em que a expectativa de vida é encurtada e desfigurada – é guerra. Em uma palestra na biblioteca de Nova York, sobreviventes negros de Attica descreveram seus ferimentos de bala e cicatrizes de tortura depois que o governo travou uma guerra contra uma rebelião por direitos humanos dos cativos. [Em sua narrativa angustiada](#), eles alegaram que fizeram reféns, semanas após a morte de George Jackson em 1971, em San Quentín, iniciando uma rebelião vista em todo o mundo, mas os acadêmicos os apagaram da história.

Essencial para o desenvolvimento intelectual e político, alianças entre abolicionistas e revolucionários são desestabilizadas pelo apagamento das lutas revolucionárias.